



AUTORA

Juliana Alles de
Camargo de Souza



 julianaacs@gmail.com

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; professora da Graduação e colaboradora do Grupo de Pesquisa Comunicação da Ciência, Estudos Linguístico-Discursivos e Letramento Científico - CCELD

COMO CITAR

Souza, J. A. de C. de. (2021). A escritovisualidade tecnográfica da revista Pesquisa Fapesp no Instagram. *Calidoscópico*, 19(3): 345-357. 10.4013/cld.2021.193.04

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 17/02/2021
Aprovação: 06/09/2021

DISTRIBUÍDO SOB



A escritovisualidade tecnográfica da revista Pesquisa Fapesp no Instagram

The technographic verbo-visual writing of Pesquisa Fapesp magazine on Instagram

RESUMO / ABSTRACT

O Instagram, ecossistema digital, apresenta a imagem junto a textos curtos, conectados a outros territórios virtuais, acessíveis por cliques que mostram fatos/eventos/conhecimentos relacionados. Nesse ecossistema, a revista Pesquisa FAPESP, cujas imagens adentram o percurso escritor articuladas a breves textos verbais, oferece notícias sobre eventos e cientistas ou simplifica explicações sobre fenômenos científicos descobertos

ou investigados. Os textos verbais, visuais e tecnográficos estão interligados digitalmente à revista impressa, cujos exemplares mensais anteriores podem ser visitados. Nesse contexto, este estudo objetiva caracterizar a manifestação tecnográfica digital no uso da linguagem

Instagram, a digital ecosystem, presents an image along with short texts, connected to other virtual territories, and searches for clicks, which shows facts/events/related knowledge. In this ecosystem, the Pesquisa FAPESP magazine, whose images enter the readwriting path articulated with brief verbal texts, offers news about events and scientists or simplifies explanations about scientific phenomena discovered or investigated. Verbal, visual, and technological texts are digitally linked to the printed magazine, whose previous monthly copies can be visited. In this context, this study aims to characterize the digital technological manifestation in the use of verbal-visual language, verifying how this discursive composite

verbovisual, verificando como esse propósito discursivo produz sentido. Para isso, observam-se qualitativamente 3 postagens do Instagram da revista Pesquisa FAPESP, com foco na plurissemiotividade da enunciação no Instagram e nas características tecnográficas, segundo estudos

plasticamente à luz do sincretismo da Semiótica Plástica de Greimas (2008) e Floch (2001). É possível afirmar que essa escritura possa motivar interesses e saberes, bem como integrar oportunidades de letramentos tecnográficos, científicos, verbais e visuais.

produces meaning. To do so, 3 Instagram posts from the Pesquisa FAPESP magazine are qualitatively observed, focusing on the plurisemiotivity of the enunciation on Instagram and on technological characteristics, according to studies on Digital Discourse by Paveau (2015, 2016, 2019, 2020) and epistemological topics by Lemos and Di Felice (2014) on information networks. The meaning constructed plastically is verified, in the light of the syncretism of the Plastic Semiotics by Greimas (2008) and Floch (2001). It is possible to affirm that this readwriting can motivate interests and knowledge, as well as it can integrate opportunities for technological, scientific, verbal, and visual literacies.

Palavras-chave:
plurissemiotividade;
tecnografismos;
revista Pesquisa
FAPESP no Instagram

Keywords:
plurisemiotivity;
technographs;
pesquisa
FAPESP magazine on
Instagram

1. Palavras de início

A comunicação digital cede espaço à arquitetura informativa que ultrapassa a simples distribuição da informação. Dá lugar a um “diálogo fértil entre dispositivos de conexão, banco de dados, pessoas e tudo que existe, é um marco da história da comunicação[...]” (Lemos e Di Felice, 2014, p. 7). Por essa razão, quando se analisam textos nativos digitais, urge recorrer a quem já definiu aspectos que entram em jogo nessa aventura instigante. É obrigatório redefinir conceitos até então não explicitados, para que se ajustem as lentes da investigação no espaço virtual, tão diverso do impresso.

Diante de uma tela em que a noção de leitura e escrita se transformou marcantemente, exige-se tratamento específico. Logo, neste artigo, primeiramente são explicitados conceitos oriundos da Análise do Discurso Digital (ADD) (Paveau, 2016), e, após, são analisadas postagens da revista Pesquisa FAPESP no Instagram.

Paveau (2016) assegura que todos os estudos sobre Texto, Discurso e Interação (TDI) ocuparam-se de produções digitais usando as ferramentas teóricas e metodológicas, por exemplo, da LT e da AD, em uma “perspectiva comparativa (comparação das características do discurso impresso e digital ou aplicada, aplicação aos discursos digitais dos dispositivos de análise de escritos impressos)”^[1]. (Paveau, 2016, p. 14). Além disso, sublinha a autora, apenas os trabalhos dos linguistas da Comunicação Mediada por Computador (CMO) olharam para as escrituralidades de forma ajustada às características do discurso digital, desde o modo de produção até a forma de recepção e uso.

Assim, a autora em foco sustenta:

A análise de discurso digital está baseada em uma noção simétrica do discurso digital, que tem por objetivo discutir as concepções logocêntricas da linguística (Paveau 2009; Dias, Paveau 2016b orgs.). Uma linguística simétrica confere um lugar equivalente ao languageiro e ao não languageiro na análise linguística, partindo de uma concepção composta da língua e do discurso. Ela questiona a distinção entre linguística e extralinguística, estabelecendo um contínuo entre as matérias languageiras e seus ambientes de produção. É esse contínuo que é colocado como objeto para a análise, e não mais apenas sua matéria languageira. Nesse sentido, a análise de discurso digital é uma ecologia do discurso. (Paveau, 2020, p. 19).

Complementando com o que diz a pesquisadora francesa, dois aspectos devem ser considerados no estudo: “o conhecimento dos dispositivos da escrita e das culturas digitais, assim como das competências sobre os usos e as práticas escriturais” (Paveau, 2016, p. 14), e a existência, no

caso de *corpora* digitais, de uma espécie de território que requer presença de um usuário pesquisador. Assim, a autora concebe a textualização na web como uma operação constituída por um gesto de leitura material (*readwrite* = *escrileitura*), com mão e máquina, clicando, rolando, tocando, enfim, realizando gestos notadamente técnicos.

Paveau (2016), ao explicar que se está diante de “novos observáveis” – as produções verbais digitais –, afirma ser preciso também

[...] pensar o lugar e os efeitos do digital nas teorias da linguagem (PAVEAU, 2012), e equipar-se de uma teoria que possa compreender sua dimensão técnica: é isso que propõe a análise do discurso digital (agora ADD), pedindo uma análise de ordem ecológica, isto é, a partir dos próprios ecossistemas digitais e tomando como objeto de investigação não mais os segmentos languageiros extraídos de seus ambientes (abordagem logocentrada), mas ambientes digitais como um todo (Paveau, 2013b). (Paveau, 2016, p. 14).

Vale destacar que “enunciados produzidos nos ambientes conectados em meio a uma tecnologia discursiva têm uma natureza compósita: eles não são mais somente languageiros, mas imbricados pela tecnologia.” (Paveau, 2015a, p. 3).

Desses aspectos, a autora deriva seis traços característicos da escrita digital concernentes à tecnologia discursiva, os quais instauram o amplo e novo campo epistemológico. Explicitam-se os traços do tecnodiscurso, dentre os quais três – standardização (dimensão compósita), deslinearização, ampliação – são focalizados aqui posteriormente. A citação situa, contextual e discursivamente, neste artigo, a seleção feita:

Atribuo seis traços aos tecnodiscursos, que caracterizam a maneira pela qual o discurso se fabrica nos dispositivos técnicos: a composição (a matéria do discurso online se constrói do languageiro e do técnico, mas também do escrito, do som, da imagem fixa ou animada); a deslinearização (hipertextualidade implica que os tecnodiscursos contêm caminhos de acesso a outros discursos; a ampliação (as funções conversacionais da web e as ferramentas de escrita colaborativa simultaneamente dão corpo ao conteúdo e aos enunciadores; a relacionalidade (na web, todas as produções discursivas são ligadas entre si e às máquinas, só existem a partir da subjetividade do internauta; a investigabilidade (os tecnodiscursos estão inscritos na memória da rede e podem ser pesquisadas e redocumentadas, seus metadados são internos porque estão inscritos no código); a imprevisibilidade (os enunciados digitais nativos são processados tanto pelos algoritmos quanto pelos internautas de maneiras imprevisíveis para os/as produtores/as.) (Paveau, 2019a, p. 8-9)

[1] Esta e outras traduções do francês são feitas pela autora deste artigo ou selecionadas de um conjunto de textos traduzidos pelo grupo Comunicação da Ciência, Estudos Linguístico-Discursivos e Letramento Científico - CCELD, ou de traduções que estão no prelo no momento de elaboração deste texto, como o Dicionário de Análise do Discurso Digital.

A estandardização/composição, deslinearização e ampliação (do universo de traços que singularizam a produção dos tecnodiscursos) – delineadas na seção seguinte – integram aspectos alinhados aos objetivos desta pesquisa, os quais são investigar a verbovisualidade em postagens na revista Pesquisa FAPESP no Instagram. O material analisado foi armazenado, pela usuária do Instagram e autora deste estudo, em arquivo com “prints” (fotos tela), informalmente, entre maio de 2020 e julho de 2021, mediante análise de plurissemiotidades, com amparo nos estudos sobre tecnografismos da ADD e na Semiótica Visual/Plástica, especificamente voltado a postagens ligadas à pandemia da covid-19. Busca-se descrever efeitos da forma de apresentação no Instagram e na revista mencionada, a fim de esclarecer como a imagem e o texto – tecnográficos nesse universo – comunicam a ciência ao grande público que navega nesse ecossistema e neste se habilita a seguir um determinado percurso de escrita.

2. Definindo três parâmetros da teoria do discurso digital

Esta seção visa esclarecer, pontualmente, três aspectos que podem contribuir para a análise proposta, uma vez, que, no universo de seis traços elencados, remetem a evidências que o objeto em pesquisa demonstra.

Um primeiro aspecto, a **estandardização**, ou **padronização/composição**, define-se como um conjunto de

certas restrições próprias do discurso digital. A estandardização evidencia, num nível macro, os formatos por meio dos quais se elaboram as publicações online. No nível micro, encontra-se “a natureza dos elementos linguageiros do contexto digital que integram de maneira intrínseca uma dimensão técnica dos elementos tecnolinguageiros”. (Paveau, 2016, p. 21). Isso remete a uma dimensão composta, ou seja, o texto não tem somente uma natureza linguageira, mas é consubstanciado por material tecnológico: tela, avatar, link, hashtag, entre outros.

Diante desse repertório formal, o escritor tem “formas de texto” herdadas, estabilizadas ou em processo de estabilização à sua disposição, o que traz uma certa padronização de cada ambiente digital.

Nesse recorte, o formato do Instagram apresenta, no macronível, uma imagem posta num tamanho estabelecido na forma de quadrilátero, mostrando comentários, nas laterais ou abaixo da imagem, em computador ou celular, respectivamente. Em geral, uma breve legenda (ou frase) da editoria situa tema/assunto antes dos comentários seguidos de hashtags e tecnosígnos. Nota-se privilegiada a imagem (fotos, desenhos, colagens, mapas, infografias etc.), como a Figura 1 ilustra.

Na Figura 2, podem-se observar mais de perto esses detalhes que dizem respeito à estandardização da revista Pesquisa FAPESP no ecossistema Instagram, no celular.

Focalizando atentamente as imagens das Figuras 1 e 2, pode-se também já verificar a **deslinearização**. Esta se

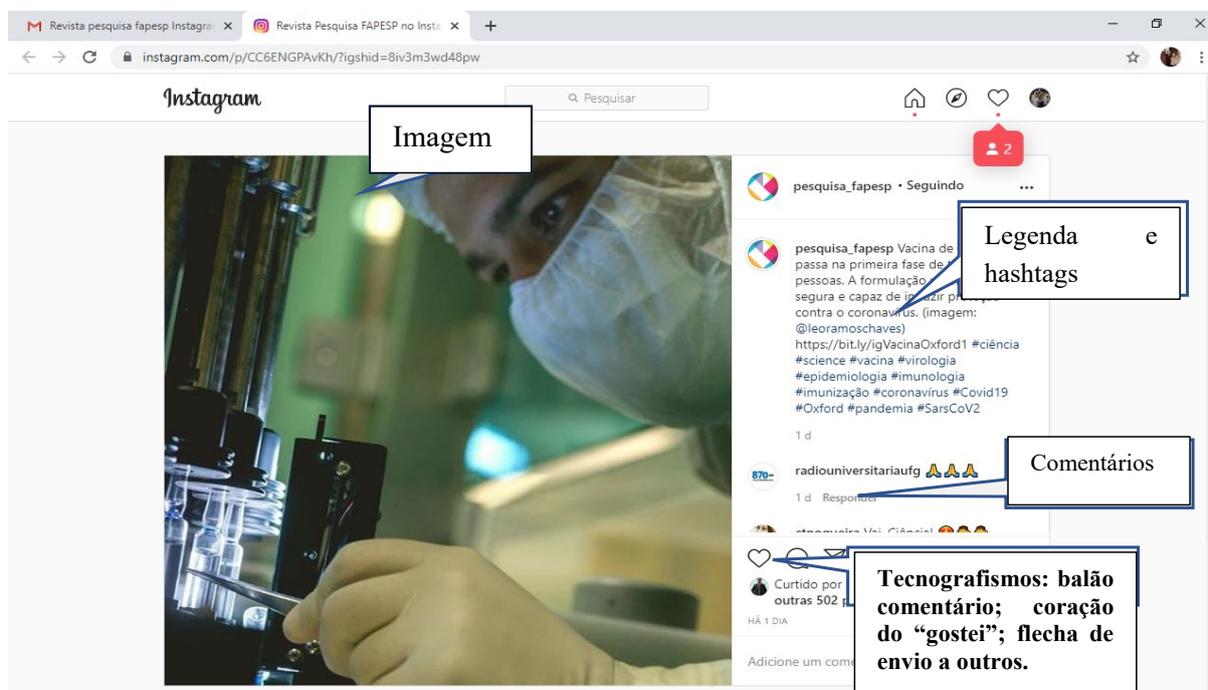


Figura 1

O Instagram

Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020f)



Figura 2

Do cabeçalho aos comentários: revista Pesquisa FAPESP/Instagram

Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020b)



Figura 3

Outros territórios via hashtag no Instagram

Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020b)

caracteriza como fato típico no universo discursivo digital: remete à modificação do denominado “fio do discurso”. O afastamento de uma linearidade comum ao impresso, consubstancia desvios com direções certas, às quais se é levado por clicagens possíveis, sendo qualidades intrínsecas desse território virtual. No Instagram, tanto no computador quanto no celular, observa-se essa possível mudança de rumo, ou a quebra da linha de atenção leitora do texto primeiro, por meio de um gesto: o clique.

Observam-se, por isso, na Figura 2, além dos ícones de “curtir”/“gostei” etc, a frase explicativa, legenda da revista, seguida por uma caixa para comentários e as hashtags que conduzem a outros ambientes virtuais, relacionados, de algum modo, ao texto fonte. Essas possíveis aberturas, via hashtag (#), levam a outros espaços com temas que complementam e ampliam de forma variada o mostrado na tela inicial. A deslinearização se confirma, uma vez que, ao clicar, por exemplo, num desses tecnossignos, adentram-se, como se vê a partir da Figura 2 até a Figura 3, outros espaços com imagens e textos sobre biodiversidade, etologia etc, que trazem informações diversas para o que se viu e leu na postagem primeira. Explorando um pouco mais esse território do ecossistema Instagram na revista focalizada, podem-se acessar imagens, artigos, notícias e até reportagens de revistas completas, num catálogo organizado, por mês, de edições anteriormente publicadas.

Na figura imediatamente anterior, são vistas as possibilidades de quebra do fio do discurso por tecnossignos, hashtags, comentários. A deslinearização é

corroborada por essa imagem (estandardizada) do ecossistema Instagram da revista Pesquisa FAPESP.

Na Figura 4, observa-se que, mediante abertura de #biodiversidade (Figura 3), visitam-se outros possíveis espaços.

Corroboram-se que o universo online dá condição de se estabelecerem ligações entre vários níveis de discurso, uma vez que, inclusive, tecnopalavras^[2] abrem, literalmente, novos desenvolvimentos sintagmáticos de uma nova forma de enunciação e suas respectivas implicações semióticas.

Nesse sentido, a **deslinearização sintagmática**, acima mencionada, é assim caracterizada por Paveau (2016, p. 26):

O fio do discurso é deslinearizado em termos da combinação dos elementos linguageiros. Os elementos clicáveis iniciam, de fato, uma interrupção do desenvolvimento do enunciado, permitindo ao escritor-leitor entrar num outro fio do discurso conectado. Essa deslinearização ocorre tanto na escrita quando na leitura, traço que tem permitido, entre outras coisas, entre autores, falar de escritura (neologismo inspirado no *readwrite* inglês).

Por fim, a **deslinearização enunciativa** decorre da sintagmática quando a saída do fio do discurso, por meio de links ou de hashtags, conecta o usuário a novos espaços discursivos enunciativos.

O que se denomina **deslinearização visual** trata, por exemplo, das cores, das formas ou dos sublinhados de tec-

[2] Tecnopalavras (*tecnomots*) são elementos, como a hashtag, que têm a propriedade de executar atos tecnolinguageiros ou de conduzir a elementos de destino, páginas, documentos, listas, dados de todos os tipos.

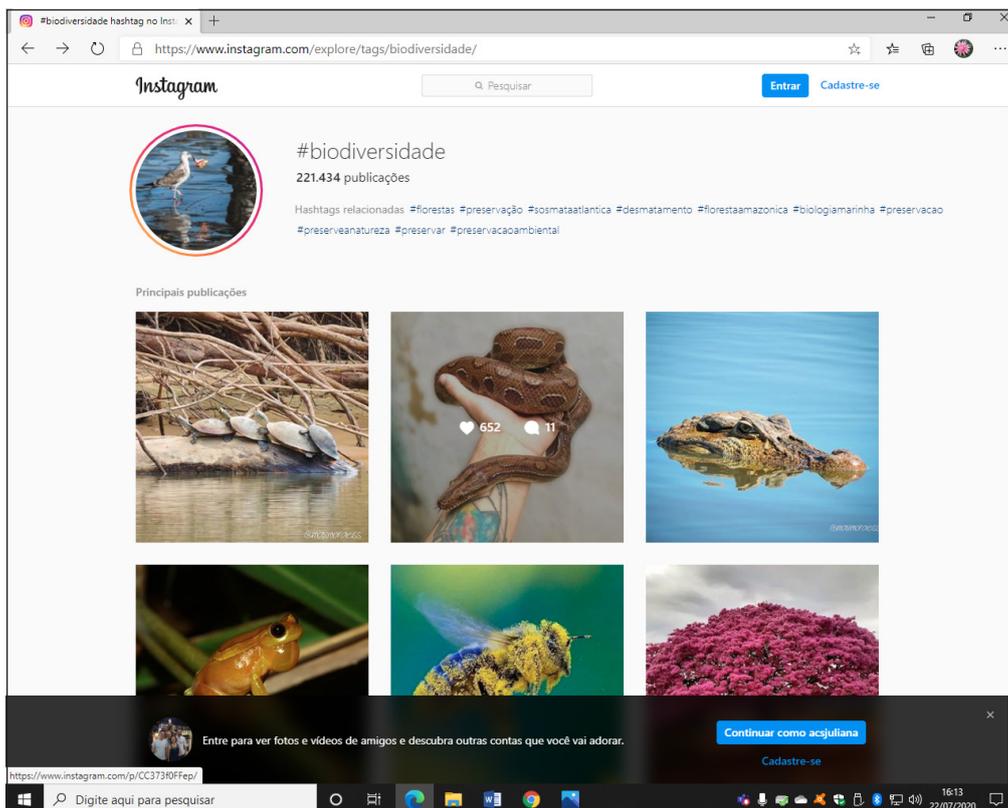


Figura 4

Hashtag Biodiversidade
Fonte: #Biodiversidade (2020)

nopalavras que oportunizam as demais deslinearizações. Demarca-se uma dimensão relacional nos ecossistemas digitais que determinam o percurso do sentido construído nessa fragmentação do virtual. O compósito que se costura por esses percursos é a feição mesma de cada ambiência, como a demonstrada já na formatação de página do Instagram. O azul das hashtags caracteriza uma visualidade pela cor, uma vez que conduz a outros espaços, como constatado quando o clique leva a imagens de biodiversidade que se ligam ao tema inicial da página. Isso reitera a quebra da linearidade, estendendo as visualidades primeiras para outras paisagens que o olhar, no Instagram, acolhe e oferece.

Paveau (2015a, p. 10) descreve também o traço tecnodiscursivo da **ampliação**, que se desencadeia quando uma primeira enunciação, mediante gesto tecnológico da clicagem, possibilita serem conhecidas ou criadas outras enunciações, tantos quantos forem os cliques de abertura das hashtags/links ou de comentários. O ecossistema Instagram ratifica um cenário em que autores se diluem e interagem num conjunto enunciativo mais amplo. Embora em destaque, não domina apenas a imagem; faz-se

necessária a legenda, encontram-se ou se escrevem os comentários, e o sentido é coconstruído a cada acréscimo postado. A relacionalidade entre isso que ali está (texto fonte) e outros espaços virtuais visitáveis é evidente.

Dessa intrincada e sofisticada teia, deriva a qualidade de existir o que Paveau denomina **compósito**. Este remete a uma natureza ligada a *affordances*^[3] do ambiente virtual. Tal relação se entretete em forma de rede; desse modo, um ponto conduz a outro e complexifica a teia de pluri-enunciadores e de multi-enunciações. Assim, definitivamente, "A aproximação "egocefalocentrada" (égocéphalocentree) não é mais possível." (Brassac *apud* Paveau, 2015a, p. 10).

3. Visualidades: possibilidades semiótico-plásticas no Instagram da Revista Pesquisa FAPESP

Torna-se natural uma aproximação com a Semiótica Visual/Plástica, em vista da configuração de um ecossistema (Instagram) nascido e criado para postagem de imagens.

[3] "A definição de *affordances* foi originalmente proposta pelo psicólogo James Gibson, em 1977, para denotar a qualidade de qualquer objeto que permite ao indivíduo identificar suas funcionalidades através de seus atributos (forma, tamanho ou peso) de maneira intuitiva e sem explicações." (Gonzalez, 2018).

O plano visual do Instagram (estandarização), eminentemente, é um mosaico de aspectos plasticamente analisáveis.

O conceito de representação é presente e implica o *re*-conhecimento, já que o mundo natural se faz identificar e se elabora plasticamente, tornando-se um objeto de leitura de mundo. Da página da Instagram da revista Pesquisa FAPESP, um elemento do sistema de redes informativas digitais pleno de visualidades, emergem alguns detalhamentos epistemológicos necessários.

Segundo Greimas (1984), a visualidade permite uma análise que delimita um objeto de investigação mediante seu suporte planário, definidor de um espaço tridimensional. Neste, manifestações pictóricas, gráficas, fotográficas se encontram reunidas, segundo a perspectiva greimasiana, por meio de uma espécie de “presença no mundo” comum. Nas imagens da virtualidade, isso se destaca, porque o entendimento dessas imagens em conjunto com a palavra, e até em ampliação de um sincretismo para além da simples imagem na direção de mais outras formas de presença (tecnografismos), é crucial para a compreensão escritora aqui proposta.

O discurso da revista Pesquisa FAPESP consubstancia-se *no, com e pelo* Instagram. Esse ecossistema é caracterizado por: (i) ter filtros que trabalham a essência da fotografia e geram uma partilha da experiência do fotógrafo com a comunidade; (ii) ser um serviço de ascensão crescente no mundo, motivado pelo aumento de uso de dispositivos, bem como de qualidade das câmeras disponibilizadas; (iii) usar hashtags que oportunizam aos fotógrafos disseminar imagens; (iv) constituir um dos melhores aplicativos para documentar histórias de vida, de uma marca ou de um serviço de forma original; (v) possibilitar aos usuários a criação de imagens ligadas à atmosfera de marcas; e (vi) propiciar uma comunicação espontânea entre estas^[4].

O Instagram foi criado para compartilhar, essencialmente, fotos e vídeos; tal relação se estabelece com tecnografismos de toda a ordem. Os *stickers* do Instagram, por exemplo, são adesivos divertidos que personalizam *stories*. Entre as ferramentas disponíveis, encontram-se: (i) VSCO: a ferramenta definitiva de edição de fotos e vídeos; (ii) *unfold*: a que prepara as mais belas *stories*; (iii) Canva: a que permite ao usuário tornar-se quase um designer gráfico; (iv) Magisto: a que propicia, no telefone, criar vídeos para o usuário; (v) boomerang, a que possibilita fazer vídeos curtos animados e (vi) Background Music for Video +, a ferramenta que faz os posts “cantarem”.

Nesse cenário, a Semiótica Plástica se desenha como um caso específico da semiótica semissimbólica, uma

“[...] encontram-se tecnossignos, tecnografias. Aspectos como cor, forma e topologia passam a fazer parte da atividade escritora, cujos “códigos” (pistas, manifestações) não podem ser analisados isoladamente”

vez que implica interrogar-se sobre o estatuto de cada elemento do significado homologado às categorias do significante plástico. Buscam-se nela traços que permitam entender a plasticidade e a forma de conteúdos que a virtualidade do Discurso Digital usa para se fazer visível, presente, manifestada no Instagram. Assim, para além da imagem fotográfica ou artística predominante nas postagens em pesquisa, encontram-se tecnossignos, tecnografias. Aspectos como cor, forma e topologia passam a fazer parte da atividade escritora, cujos “códigos” (pistas, manifestações) não podem

ser analisados isoladamente.

O semissymbolismo oportuniza que se estudem, de modo mais ordenado, as contribuições da expressão para o sentido do texto (Scoparo, 2018, p. 134). Os estudos de Hjelmstev, desenvolvidos por Jean Marie Floch e relatados em Pietroforte (2010, p. 21), descrevem-no como um plano de expressão que não é “veículo” de conteúdo, mas aspecto da produção do sentido, quando se articulam forma da expressão e forma do conteúdo.

Considerando que a expressão imagética no Instagram se concretiza também por meio de um aparato tecnológico e levando em conta, nesse cálculo estratégico da análise que se propõe, a ADD, enfatiza-se que

o texto resulta da textualização das formas do leitor e não canônicas como graffiti, lista ou rascunho, e, em universos digitais nativos, formas como comentários, tweets ou a série de hashtags [...] e obviamente os tecnografismos, podem fazer texto se forem textualizados pela leitura do internauta. No processo de fazer texto contemporâneo dentro de universos digitais nativos, parece-me que devemos trazer uma nova dimensão, que é a imagem: o tecnografismo mostra que o texto é cada vez mais raramente produzido fora dele. Imagem que, longe de acompanhá-lo como ilustração ou auxiliar, dando-lhe o status de legenda, literalmente o iconiza. Portanto, defino a iconização do texto online como a elaboração e modelagem de um enunciado no formato e código representacional da imagem, usando ferramentas de affordances disponíveis; no texto iconizado, os códigos textuais e icônicos são co-constituídos em compósitos e não são objeto de leitura ou análise independente. (Paveau, 2019b, p. 10).

Dito isso, na intersecção que se propõe entre o uso da imagem pela revista Pesquisa FAPESP no Instagram, com “toda a modelagem de um enunciado no formato e código representacional da imagem” (Paveau, 2019b, p. 10), e

[4] Elaborado e citado com base no que se disponibiliza em: Instastore (2013).

a Semiótica Plástica, destaca-se o que diz Teixeira (2009, p. 58): “a investigação pode examinar a qualidade própria de cada unidade ou grandeza, mas deve analisar, fundamentalmente, a estratégia enunciativa que sincretiza as linguagens numa unidade formal de sentido”.

Dessa forma, esta proposta de estudo privilegia perspectivas de investigação da visualidade frequentemente iconizante dos ecossistemas digitais.

4. Visualidade e plástica tecnográfica na revista Pesquisa FAPESP no Instagram:

Ao sincretismo da Semiótica, junta-se o fato de que todos os recursos e as ferramentas que os ecossistemas mobilizam no discurso digital contribuem para uma específica (co)construção de sentido. Uma complexa enunciação de um sincretismo tecnográfico que disso resulta pode ser vista a seguir.

Consoante Scoparo (2018, p. 133-4): “as manifestações encontradas nos textos verbovisuais, audiovisuais, fotográficos, pictóricos, publicitários, entre outros, se organizam a partir de diferentes semióticas colocadas

em relação. Nesses textos, o sentido é construído na combinação das várias linguagens [...]”.

Então, o sentido é (co)construído na combinação das várias linguagens presentes simultaneamente no mesmo espaço virtual, que tem elementos tecnográficos, os quais dão substância a um produto final de postagem. Isso significa dizer que diferentes linguagens se manifestam em simultaneidade no plano da expressão, onde se oferece o plano de um conteúdo.

A estandardização da página do Instagram possui uma identidade visual (ilustrada pela Figura 5, organizada de i a vi) que, no plano de expressão, tem uma topografia geral e constante, a saber: (i) caixa indicativa de locais abertos no computador e demais elementos comuns de clicagem para abertura dos diversos ecossistemas digitais e flechas de retorno ou avanços possíveis no percurso de escrita; (ii) link aberto de cada postagem em observação e estrelinhas de marcação dos favoritos etc. Especificamente, visualizam-se: (iii) escrita do nome desse ecossistema em letra de fonte Billabong à esquerda, no alto da página; (iv) ícone representativo de uma câmera simples com arco-íris em degradê (relacionado à origem de repositório fotográfico do Insta) e ícone da revista Pesquisa

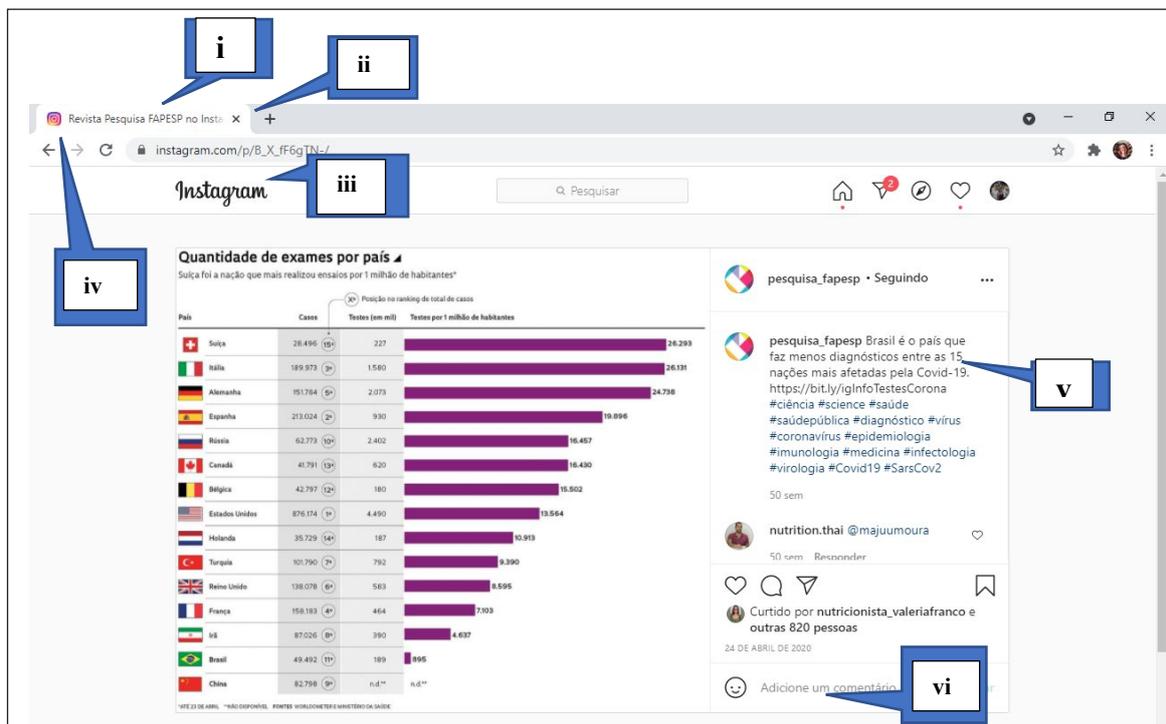


Figura 5

Brasil é o país que faz menos diagnósticos entre as 15 nações mais afetadas pela covid-19^[5]

Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020a)

[5] Segue-se a orientação ortográfica de escrita para covid-19, com inicial minúscula, disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.

FAPESP, bem como a identificação de “seguindo”; (v) legenda ou resumo e (vi) espaço para comentários.

Observe-se, também na Figura 5, um infográfico cuja matéria, de 2020, está acessível nesse espaço virtual e que se liga a anteriores edições da revista impressa digitalizada, junto a um grande conjunto de informações visuais de um Guia Virtual Covid.

A postagem fala da quantidade de testes realizados para detecção da covid-19 nos quinze países mais afetados pela pandemia até então (24/4/2020). O (info)gráfico contabiliza o Brasil no penúltimo lugar em menor número de testes, dado evidente nas barras gráficas.

Interessam aqui: a) no plano do conteúdo, a ideia de **ciência** (realização de exames covid) X **não ciência**; b) no plano da expressão geral: o logotipo da revista Pesquisa FAPESP no alto da página à direita, e a legenda abaixo da qual se encontram o azul das hashtags e as tecnopalavras de “gostei”, de balão para novos comentários e a flecha de compartilhamentos, comprovando a estandarização, a deslinearização e a ampliação possíveis.

A imagem de cada bandeira dos quinze países enumerados identifica essas nações que, depois, são qualificadas pela extensão maior ou menor da barra indicativa do número de exames contabilizados. A forma (aspecto eidético) privilegia cor forte e extensão de barras do gráfico, explicitadoras das diferenças quantitativas entre ações científicas de postagem nos países; cores neutras nas palavras nomeadoras dos países, plasticamente identificados pelas bandeiras, à esquerda, iniciando a usual direção de leitura que se pode fazer da tela (da esquerda para a direita).

Assim se confirma a presença de formantes figurativos:

Os formantes figurativos – elementos que servem para criar os efeitos de realidade dentro do discurso são as figuras do mundo que se identificam no discurso e dão sentido de acordo com o conhecimento que já se tem – e os formantes plásticos – categorias que possibilitaram a atribuição de novos sentidos aos textos, dão sentido ao plano de expressão e de acordo com trabalhos de Greimas, Floch e Thürlemann, como aborda Hernandez (2005), foram divididas nas categorias: topológica (ligada à posição, por exemplo, alto vs baixo, central vs periférico), eidética (ligada às formas, por exemplo, circular vs retilíneo, uniforme vs multiforme) e cromática (ligada às cores, por exemplo, claro vs escuro, monocromático vs policromático), sem a preocupação em estabelecer uma hierarquia entre elas, pelo fato de essas dimensões se articularem e se complementarem na unidade que é o texto. (Scoparo, 2018, p. 134).

Esses formantes, assim discriminados na imagem em conjunto com o que o Instagram configura, inserem-se numa dêixis tecnográfica segundo a qual todas as imagens abertas na tela jamais são meras ilustrações. O gráfico iconiza informações, mediante inserção de bandeiras junto aos nomes

de países, de modo a descrever, narrar e argumentar à luz de resultados estatísticos que remetem a quantidades de testes. Os tecnosígnos, como hashtags, possibilitam entrada a novos espaços relativos à postagem primeira, incluindo novas escrituras, que vão desde a informações sobre o valor desses testes até ações necessárias para manutenção da saúde pública e até além disso. Assim, “o todo forma uma única unidade tecnográfica complexa, a dupla iconização da imagem sendo acompanhada de enunciados que são isorreferenciais, ou seja, duplicam de maneiras diferentes o conteúdo da imagem” (Paveau, 2019b, p. 18).

Portanto, vê-se o gráfico customizado/infografado (policromia, desde as bandeiras até o uso de cores) que a revista desenha no “território” (topologia) do quadrilátero do Instagram. A imagem predominante funciona como elemento impactante que desencadeia a simbiose entre aspectos dela mesma e as legendas, as hashtags, os comentários e as demais possibilidades da ampliação dessa postagem da revista em observação.

A segunda postagem, cuja imagem predominante se apresenta em fotografia e que se coloca neste estudo, podemos ver na Figura 6.

Percebe-se que a foto é predominante no espaço que ocupa mediante privilegiadas forma, cor e topografia. A comemoração dos 120 anos do Instituto Butantã é celebrada pela revista Pesquisa FAPESP por meio de foto da instituição centralizada no espaço padrão do Instagram. Evidencia-se um ponto de vista em nível inferior à edificação fotografada. A relevante instituição científica brasileira é retratada acima da escadaria e sugere a reverência devida ao trabalho do instituto centenário. Para o observador, ela está no alto: é grandiosa.

O conteúdo que tematiza a postagem remete à ciência, entretanto possível de ser identificada pela oposição entre: **qualificação científica** x **não qualificação científica**, uma vez que o fortalecimento no tempo e na história está presente na reconhecida condição qualificada do trabalho desse instituto.

Os planos e sua articulação com o espaço tecnográfico constroem o sentido. Apresentado por Xavier (2005, p. 27), nessa imagem se reconhece um plano médio ou de conjunto: edificação e escadaria. Esta sugere a necessidade de esforço para chegar ao pódio dos 120 anos. Entende-se que o papel do Butantã, com experiência e qualidade, tem sido fundamental no contexto pandêmico: centralizado e na parte superior, o edifício assume o mais alto grau de centenária relevância histórica nacional e internacional. Cromaticamente, a cor clara da construção contrasta com as cores escuras por resíduos temporais nas escadas e muros laterais. Quem sabe, uma analogia com “luz no fim do túnel”, após tempo de trabalho e pesquisa árduos e incessantes.

Forma e conteúdo se articulam imbricados com demais aspectos como a legenda lateral da postagem e com as 622 curtidas. Tal cenário significa e explica como o texto digital nativo se consubstancia, literalmente, num conjunto tecnoverso-verbal. Isso se aplica aos tecnografismos de curtir, reenviar, comentar e às possibilidades de entrada em outros espaços

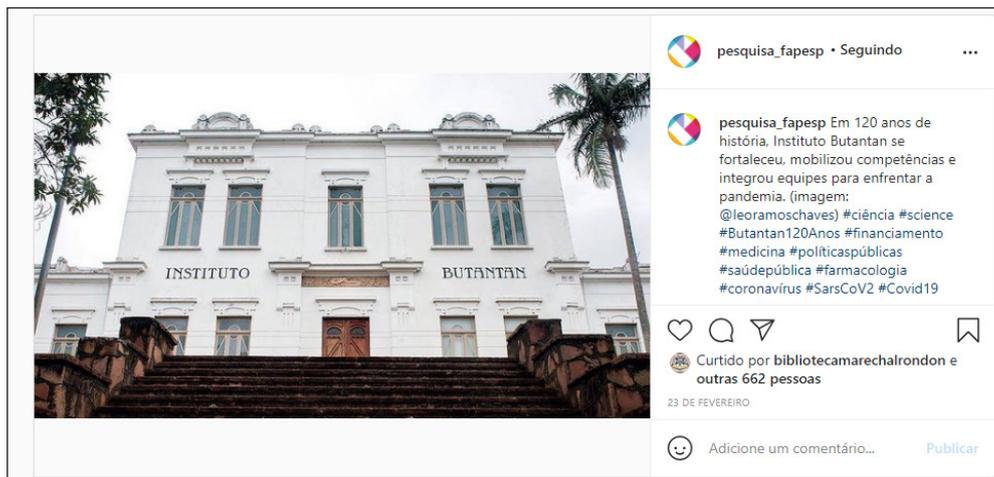


Figura 6

Em 120 anos de história, Instituto Butantan se fortaleceu, mobilizou competências e integrou equipes para enfrentar a pandemia

Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020c)

via hashtags, continuando a (re)elaborar ou ampliar o tema base da postagem. As letras azuis das palavras de hashtags remetem a temas relativos a financiamento para ciência, políticas públicas etc. (ampliação, deslinearização)

O infográfico da Figura 7 também integra uma teia de sentidos “tecnovisoverbalmente”. A infografia faz parte do Guia Covid disponibilizado virtualmente – e com anotações de atualizações. (ver: REVISTA PESQUISA FAPESP, 2021).

A composição standardizada do Instagram designa o lugar da imagem maior à esquerda; à direita, a legenda explicativa do (info)gráfico; tecnopalavras e comentários abaixo dessa legenda explicativa usada no Instagram. No que concerne à plasticidade própria do infográfico, a tabela (infografada) tem identificações de organização (=laboratório), país, plataforma (=processo de criação da vacina) e fase de desenvolvimento da pesquisa. A ideia de **ciência (pesquisa) x não ciência (não pesquisa)** persiste na categorização de conteúdo, afinal, “ciência é a essência” da revista mostrada no Instagram.

Notem-se que: (i) as imagens acompanhantes dessa tabela são, de novo, bandeiras identificadoras de cada país; (ii) as formas têm cores diferentes, mostrando etapas de desenvolvimento da pesquisa de cada vacina (aspectos cromático-eidéticos); estas se organizam numa espécie de linha temporal e se pode dizer metodológica (etapas de pesquisa). A imagem em linha é legendada ao pé da página com as cores: marrom (cor obscura telúrica, fase 1- testes em não humanos); vermelho (cor de alerta máximo, fase 2 - testes com poucas pessoas, de eficácia e efeitos colaterais, ainda preliminares); amarelo forte (cor

de mais luz, fase 3 - atenção à eficácia, efetividade e segurança, testando centenas de pessoas); amarelo claro (cor bem mais luminosa, fase 4 - testes com milhares a dezenas de milhares de pessoas); e verde (cor do “siga”, fase final - resultados da aplicação na população).

O conjunto dessa infografia (configurada topológica, cromática e eideticamente) evidencia o processo de pesquisas das vacinas e exemplifica o que e como o universo digital possibilita divulgar ciência para seu público. A identidade visual de infográfico é funcional nas publicações que trazem relatos de ciência, pela capacidade de otimização e popularização de conteúdos. Para além da infografia, há o possível acesso aos demais territórios virtuais mediante gestos tecnográficos do escritor. Desse modo, a postagem segue o layout atual do Instagram: local da imagem à esquerda, logos e legenda (possibilidades de acesso à bio); indicação de link, referência, hashtags... compondo a denominada enunciação material visual digital.

O sincretismo, portanto e novamente, nessa postagem, ultrapassa os aspectos semióticos plásticos que integram o sentido apenas da imagem; alia-se a deslinearizações e ampliações possíveis (percursos de construção de sentido da leitura e escrita de quem acessa esse *locus* virtual), integrando a forma padronizada/compósita das postagens no Instagram. O ecossistema co-construído também serve de divulgação da revista completa impressa e assinável, a qual abre para ampliações sobre esse e outros temas da ciência.

Finalmente, na Figura 8, o desenho de um morcego remete à origem possível da pandemia em curso e de outras, segundo afirma a frase legenda. As possíveis via-

“O sincretismo [...] alia-se a deslinearizações e ampliações possíveis (percursos de construção de sentido da leitura e escrita de quem acessa esse locus virtual), [...]”

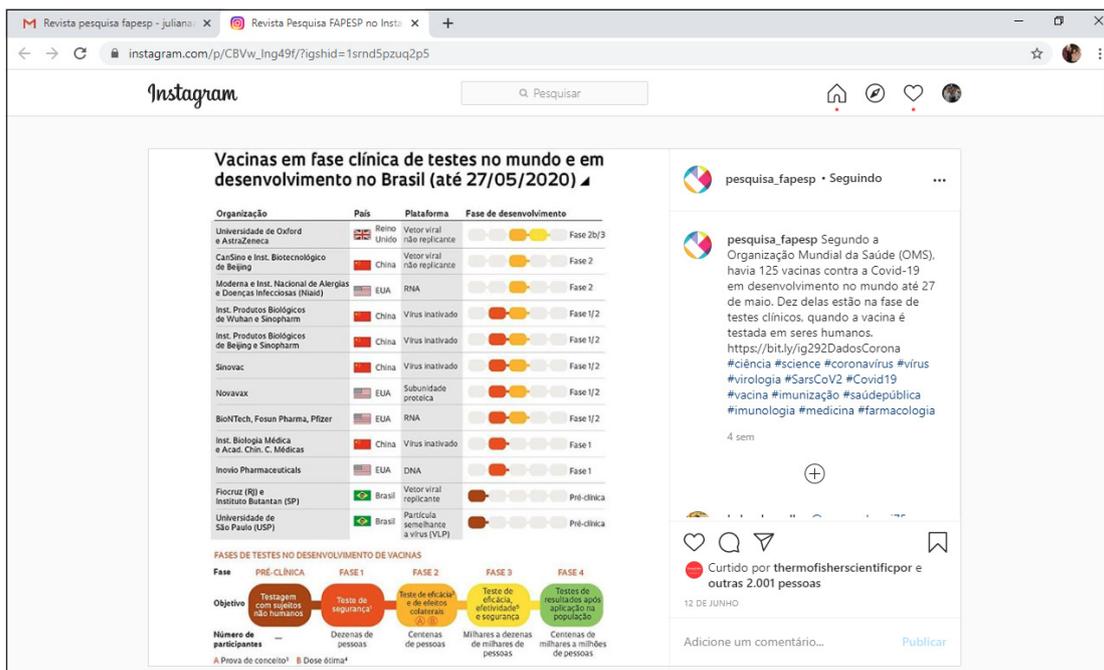


Figura 7

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), havia 125 vacinas contra a Covid-19 em desenvolvimento no mundo até 27 de maio
Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020d)

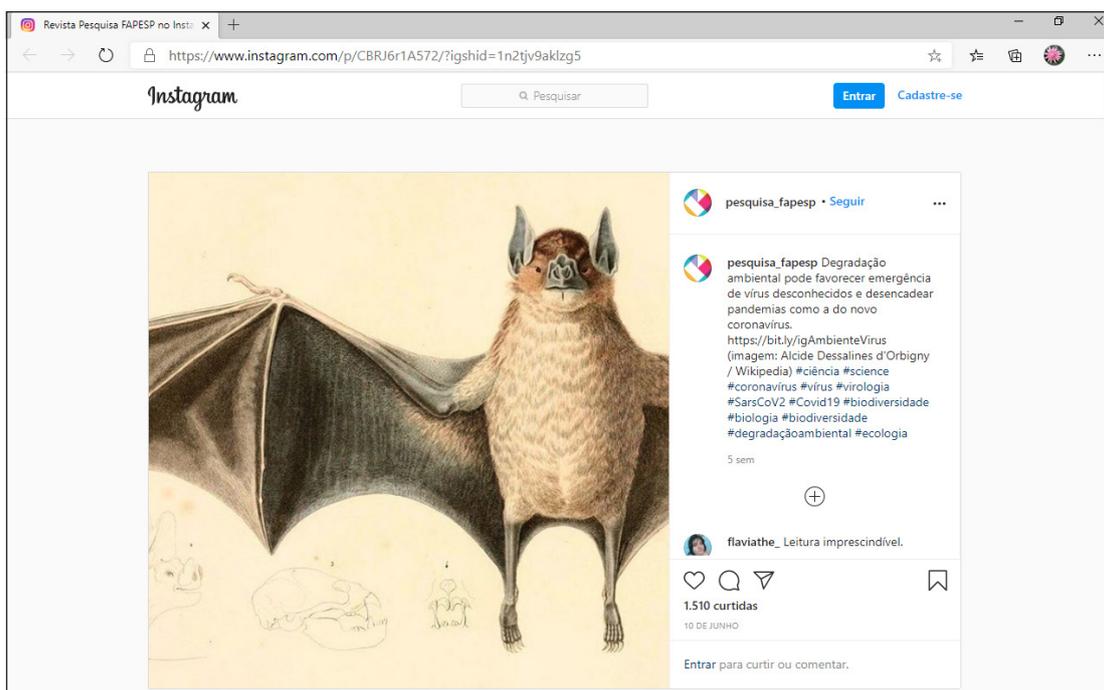


Figura 8

Degradação ambiental pode favorecer emergência de vírus desconhecidos e desencadear pandemias como a do novo coronavírus
Fonte: Revista Pesquisa Fapesp (2020e)

gens para outros ambientes ecossistêmicos igualmente se possibilitam mediante o gesto tecnográfico de clicar no azul claro das hashtags, de escrever comentários etc.

Nessa imagem, além dos detalhes gerais do tecnografismo presentes em todas as postagens, sublinha-se a leitura semiótica plástica de imagem que, mesmo em foto, deriva de arte. Estrategicamente, o desenho do morcego está em primeiro plano (*close-up*) (Xavier, 2005, p. 27), que focaliza o protagonista da notícia da investigação em curso sobre pandemias, mostrando detalhes de tronco e asa daquele. A figura situa-se topograficamente mais à direita do quadrilátero a ela destinada na standardização, lateralizada, em modo frontal. Tem efeito descritivo, isto é, pelo desenho detalhado, podem-se ver a penugem recobridora do corpo, a face, a textura de uma asa aberta do animal, bem como alguns rabiscos de desenhos na parte inferior desse espaço imagético. Volumes e efeitos de luz e sombra também definem, qualificam e caracterizam o objeto focalizado.

A frase legenda e o desenho revelam um possível vetor (até que as investigações sejam conclusivas) da disseminação do coronavírus. Na verdade, a figura, em conjunto com as verbalizações em legenda e com as tecnopalavras/tecnosignos que abrem para outros espaços virtuais, alerta para a possibilidade de novas pandemias oriundas da quebra de cadeias de ecossistemas naturais. No conteúdo, a oposição entre **vida (preservação) X morte (destruição)** formaliza-se imageticamente e se reapresenta no acesso a links/hashtags/comentários/tecnosignos que abrem a possibilidades plurisemióticas. Assim se compõe e se dá substância à página nativa e virtualmente elaborada em que mais de mil e quinhentos acessos são contabilizados, o que reafirma um verdadeiro exército de escreitores em prontidão.

Com a imagem da Figura 8, redescrivem-se, para fechamento desta seção, os demais elementos da página do Instagram: no alto, a caixa com a indicação de que esse ecossistema está aberto, em escreitura. A escrita do nome Instagram com fonte Billabong que o caracteriza, os logos e a indicação de “seguindo”, apontada aqui agora, bem como os demais tecnografismos já descritos: um complexo e significativo composto. Este demonstra o fenômeno semiótico amplo que é a enunciação material visual digital. Instaura-se um composto em forma de rede mobilizadora de gesto corporal (clique, rolagem, entre outros) que tece uma teia escreitora de sentidos diante da “verdadeira iconização do texto que toma formas variadas” (Paveau, 2017, p. 309).

5. Palavras finais

Embora não constante entre os objetivos deste estudo, é crucial dizer que, na ADD, os tecnografismos surgem como verdadeiros pontos de um processo dêitico (apoia-dores da construção de postagens em cada ecossistema

digital nativo), agilizadores da (co)construção de percursos e sentido. No recorte desta análise, focalizando imagem do Instagram, a qual mostra conteúdos/temas de ciência, constata-se que o ecossistema Instagram, para além do uso da imagem na predominância do espaço topológico disponível, demonstra sincretismo de conteúdo e forma entre foto, arte ou infografia e tecnopalavras e tecnosignos. Gera, por consequência, a flagrante iconização de cada página aberta, parceira dos traços de standardização/composição, deslinearização e ampliação que se fazem presentes na construção escreitora.

Uma vez que, como assevera Paveau (2019b, p. 18), “a enunciação material visual se inscreve em uma *forma* que une imagem e texto de uma maneira compósita”, possível é pensar que a revista Pesquisa FAPESP retrata (literalmente) tal função, ao divulgar a ciência numa mídia digital como eficaz e séria divulgadora de ciência. Nesse sentido, o evento de um *Pictorial Turn*^[6], potente no discurso digital, implica uma análise que precisa de aportes para estudos de aspectos plásticos, a fim de se entender como as estratégias de escolha das formas de postagem das imagens podem contribuir para o complexo conjunto de construção de sentidos. Para bem explicitar essa virada pictórica, cabe lembrar:

Em 1992, W. J. T. Mitchell defendeu uma “virada pictórica” nas humanidades, registrando um renovado interesse e prevalência de fotos e imagens no que havia sido entendido como uma era de simulação, ou uma cultura visual cada vez mais extensa e diversa. Porém, no que muitas vezes se caracteriza como uma sociedade do “espetáculo” ainda não sabemos exatamente o que as fotos ou as imagens são, qual é sua relação com a linguagem, como operam sobre o observador e o mundo, como sua história deve ser compreendida, e o que deve ser feito com ou sobre eles. (Curtis, 2013).

Uma cultura visual, presentificada na ADD, cada vez mais extensa e intensa, faz ingressarem leitores numa rede de estratégias não somente de captação, mas também de uma surpreendente teia de significados que podem aguçar interpretação e apreensão de materiais compostos de divulgação da ciência.

Na “vida em rede”, confirmam-se as interações pela comunicação digital, “permitindo um diálogo fértil” no cenário de uma nova “arquitetura informativa” que funciona plurisemioticamente, fazendo “habitar imersivamente” diversos atores na produção de conteúdo (Lemos e Di Felice, 2014, p. 7-11). Cada possibilidade aberta num ambiente especificamente standardizado e deslinearizante, ampliadora e tecnograficamente disponibilizada, por exemplo, no Instagram da revista observada, revela uma lógica imersiva, como nomeiam Lemos e Di Felice (2014, p. 8). Mesmo que se utilize a palavra “ferra-

[6] “Virada pictórica”.

mentas” como nome de formas de acesso a escreleituras, a exemplo do que se verificou nesse ecossistema, sabe-se que, na verdade, são esses essenciais “elementos formantes” (Lemos e Di Felice, 2014, p. 12), configurantes e significantes do(s) percurso(s) de sentido(s).

Em vista de os objetivos deste artigo se firmarem no investigar a verbovisualidade em postagens na revista Pesquisa FAPESP do Instagram, analisando a plurissemiotividade, mediante aportes da Semiótica Visual/Plástica sem esquecer o tecnografismo presente nesse conjunto objeto de estudo, crê-se que se alcançou um horizonte bem interessante que, de modo algum, se fecha. A descrição dos efeitos que a forma deu aos conteúdos da revista Pesquisa FAPESP no Instagram pôde desvelar o caminho

possível de escreitura oportunizado a quem acessa tais postagens. De igual modo, assinala-se a possibilidade de elaborar novos percursos, quando abertas as hashtags e relacionadas ao texto fonte (primeira postagem).

Essa aventura surpreendente de construção de novos sentidos e de ampliação de conhecimento mediante gestos tecnológicos, hoje, tornou-se uma realidade que, epistemologicamente, precisa ser considerada, investigada e traduzida em ações educacionais que integrem a ciência, a tecnologia, com especial observação e uso da “visofonoescrituralidade”. (Anota-se, nesta conclusão, mais este neologismo, pois não se falou dos vídeos na revista em análise, já que isso fica para, claro, outras investigações e outros artigos).

REFERÊNCIAS

- #BIODIVERSIDADE. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/biodiversidade/>. Acesso em: 15/07/2020.
- CURTIS, N. 2013. *The pictorial turn*. Abingdon: Routledge, 256 p. <https://doi.org/10.4324/9781315875873>
- FLOCH, J.-M. 2009. Semiótica plástica e linguagem publicitária: análise de um anúncio da campanha de lançamento do cigarro “News”. In: A.C, OLIVEIRA; L, TEIXEIRA. (Org.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 145-167.
- FLOCH, J.-M. 2001. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Disponível em: https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/floch_j_m_alguns_conceitos_fundamentais_em_semiotica_geral_.pdf. Acesso em: 15/07/2020.
- GONZALEZ, G. 2018. *Sobre Affordances*. 1 abr. Disponível em: <https://uxdesign.blog.br/affordances-df63a212d413>. Acesso em: 15/07/2020.
- GREIMAS, A. J. 1984. Semiótica figurativa e semiótica plástica. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, (4):18-46. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90477/93252>. Acesso em: 09/03/2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1984.90477>
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. 2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 543 p.
- INSTASTORE. 2013. *10 características do instagram*. Disponível em: <https://instastore.com.br/blog/post/35/termos>. Acesso em: 10/08/2020.
- LEMONS, R.; DI FELICE, M. 2014. *A vida em rede*. São Paulo: Papyrus 7 Mares, 142 p.
- PAVEAU, M.-A. 2015a. *L'intégrité des corpus natifs en ligne: une écologie postdualiste pour la théorie du discours*. Les cahiers de praxématique, Montpellier: Presses universitaires de la Méditerranée, Corpus sensibles, p. 65-90. <https://doi.org/10.4000/praxematique.3359>
- PAVEAU, M.-A. 2015b. En naviguant en écrivant. Réflexions sur les textualités numériques. In: J.-M. ADAM. *Faire texte*. Frontières textuelles et opérations de textualisation. Presses universitaires de Franche-Comté.
- PAVEAU, M.-A. 2016. *L'écriture numérique. Standardisation, delinéarisation, augmentation*. *ragmentum*. Santa Maria, (48):1519-9894. <https://doi.org/10.5902/fragmentum.v0i48.23296>
- PAVEAU, M.-A. 2017. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs. 396 p.
- PAVEAU, M.-A. 2019a. La resignification. Pratiques technodiscursives de répétition subversive sur le web relationnel. *Langage & société*, (167):111-141. <https://doi.org/10.3917/ls.167.0111>
- PAVEAU, M.-A. 2019b. Technographismes en ligne. Énonciation matérielle visuelle et iconisation du texte. *Corela HS-28*. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/9185>. Acesso em: 13/08/2019. <https://doi.org/10.4000/corela.9185>

- PAVEAU, M.-A. 2020. *A análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização da tradução Júlia Lourenço Costa & Roberto Leiser Baronas Revisão técnica Sírio Possenti & Ana Raquel Motta (no prelo).
- PIETROFORTE, A.V. 2010. *Tópicos de Semiótica: modelos teóricos e aplicações*. São Paulo: Annablume, 147 p.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2021. *Um guia do novo coronavírus*. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-guia-do-novo-coronavirus/#covid>. Acesso em: 09/03/2021.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2020a. *Brasil é o país que faz menos diagnósticos entre as 15 nações mais afetadas pela Covid-19*. São Paulo. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_X_fF6gTN/. Acesso em: 10/12/2020.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2020b. *Combinação de três modelos teóricos explica as estratégias de luta entre machos da mesma espécie*. São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CC69duSAN-Z/>. Acesso em: 15/07/2020.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2020c. Em 120 anos de história, Instituto Butantan se fortaleceu, mobilizou competências e integrou equipes para enfrentar a pandemia. São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLpreKMn5wi/?igshid=1rekw7zafkbui>. Acesso em: 09/03/2021.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2020d. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), havia 125 vacinas contra a Covid-19 em desenvolvimento no mundo até 27 de maio. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBVw_In-g49f/?igshid=1srnd5pzuq2p5. Acesso em: 09/03/2021.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2020e. Degradação ambiental pode favorecer emergência de vírus desconhecidos e desencadear pandemias como a do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBRJ6r1A572/?igshid=1n2tjv9aklzg5>. Acesso em: 10/12/2020.
- REVISTA PESQUISA FAPESP. 2020f. *Vacina de Oxford passa na primeira fase de testes em pessoas. A formulação mostrou-se segura e capaz de induzir proteção contra o coronavírus*. São Paulo. Instagram @pesquisafapesp. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CC6EN-GPAvKh/>. Acesso em: 15/08/2020.
- SCOPARO, T.R.M.T. 2018. Texto verbal e imagético: uma proposta semiótica de ensino. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, 12(23). Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/23176>. Acesso em: 09/03/ 2021.
- TEIXEIRA, L. 2009. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: A. C. OLIVEIRA. *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 41-77.
- XAVIER, I. 2005. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra. Disponível em: <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2018/03/ismail-xavier-o-discurso-cinematografico.pdf>. Acesso em: 9/03/ 2021.